



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Mestrado na Área da Formação de Professores
Especialidade em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do
Ensino Básico

Dispositivo Pedagógico
Manta Mistério
PIM PAM PUM Agora joga um

Discente: Ana Filipa Freitas, nº 2010066

Cristina Gonçalves, nº 2010184

Joana Serrenho Lima, nº 2010006

1ºAno Turma B

Porto

2013/2014

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Mestrado na Área de Formação de Professores
Especialidade em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico



Dipositivo Pedagógico Manta Mistério PIM PAM PUM Agora joga um

Discentes: Ana Filipa Freitas, nº 2010066

Cristina Gonçalves, nº 20100184

Joana Serrenho Lima, nº 2010006

1ºAno Turma B

Docente: Joana Cavalcanti

*Trabalho realizado para a unidade curricular de
Literacia: Práticas e Fundamentos*

Porto
2013/2014

SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO

Ler, interpretar e compreender: a produção de sentido mediada por práticas significativas

Ao longo das últimas décadas, a leitura se tem constituído como uma das áreas mais problematizadas no âmbito da educação, quer por questões relacionadas diretamente com a formação de novos leitores, quer por razões referentes ao desenvolvimento social e económico das sociedades contemporâneas.

A leitura protagoniza muitas discussões em torno da necessidade de se formar sociedades capazes de ultrapassar seus conflitos políticos e sociais, mas sobretudo de superar as crises económicas, estas cada vez mais frequentes. Não se pretende aqui aprofundar a discussão em torno de todos os aspetos que produzem e reproduzem as diversas crises sociais decorrentes da falta de investimento na educação, mas pretendese sublinhar que um dos mais importantes, se articula com os níveis de literacia, em muitos países, ainda indesejáveis como é o caso de Portugal.

A leitura é um processo complexo, exigente, polissémico, pluridimensional e interativo, visto que integra as várias dimensões humanas como a neuro-físicobiológica, a cognitiva, a psíquica e afetiva e a social, requerendo envolvimento e motivação para que haja produção de sentido de forma consciente e significativa. Portanto, é um processo que inclui questões de construção de identidade e pertença, apropriação dos contextos e capacidade de extrapolá-los para construir outros saberes e significados.

A leitura e a literacia são indissociáveis, visto que se produzem a partir da compreensão de uma mensagem ou realidade, portanto o conceito de literacia deve ultrapassar o de decifração de um código para alcançar o de transcendência de um referente/significante. O trabalho realizado pelo leitor tem o efeito de busca de significado, este pode ser ampliado e resignificado de acordo as possibilidades oferecidas. De facto, a formação de leitores deve ser implicada na produção de sujeitos críticos,



questionadores e capazes de transformar os contextos. Formar leitores para buscar e extrair significado é fundamental para se obter melhores níveis de literacia.

Sabemos que Portugal é um dos países europeus com maior necessidade de investimento na formação de leitores, visto que as várias pesquisas (PISA) sobre o assunto apontam para níveis ainda pouco apreciáveis, quando tais resultados são comparados com os de outros países do mesmo continente. É preciso trabalhar fortemente para superar as dificuldades relacionadas com a educação porque estas são ampliadas em outros segmentos como o do desenvolvimento económico, basta saber que nas sociedades altamente desenvolvidas os níveis de literacia alcançam altos índices, enquanto nos países com menos desenvolvimento os índices são mais baixos. Logo, se pode inferir que a relação entre desenvolvimento e leitura é bastante estreita. Saber ler é uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento humano, pois ler possibilita um conhecimento mais alargado e nos permite um certo domínio e poder sobre a realidade na qual estamos inseridos. É portanto, uma poderosa alavanca para o crescimento pessoal e coletivo.

Países como Finlândia, Dinamarca, Noruega e Bélgica conseguiram, em tempos passados, superar suas crises económicas ao assumirem a educação, sobretudo a formação de leitores, como eixo para a mudança. Hoje são considerados países com altos níveis de literacia e desenvolvimento geral.

Na análise de resultados que versam sobre os níveis de literacia em Portugal (PISA: 2010), aconselha-se o investimento em projetos de promoção da leitura, na formação contínua de professores e educadores, na investigação científica e tecnológica, na interdisciplinaridade, bem como na adequação entre teoria e prática nos cursos destinados à formação profissional de educadores e professores.

Estamos diante de um desafio para o qual teremos de dar respostas eficientes, se desejamos alterar o horizonte de expectativa referente à educação, pois será necessário converter os espaços pedagógicos em contextos significativos, onde os discursos devem ser produzidos e alterados. É preciso enfrentar as dificuldades a partir de estratégias possíveis, eficientes e renovadoras que nascem mediante a reflexão crítica, aprofundada e fundamentada nas experiências e para além delas, pois formar leitores para atuar no mundo contemporâneo é, cada vez mais, uma tarefa exigente visto que se pressupões muitos esforços para que se supere os obstáculos advindos de inúmeros panoramas.



Para definir a leitura em toda a sua complexidade podemos invocar a imagem de uma janela que se abre de par em par, mostrando infinitas possibilidades de se explorar o olhar, a busca, enfim o efeito da experiência quando transformada em consciência do objeto apreendido que faz surgir a interpretação e a compreensão acerca do mundo. Ler é portanto possibilidade, abertura para o novo que apela para a inauguração da palavra, esta como expressão humana capaz de fundar mundos, mesmo quando são música, movimento ou cor.

Diante de conceitos tão abrangentes acerca da leitura, não se pode pensar na aprendizagem de forma estanque, pois ler implica em movimento, em plasticidade, em ampliação cognitiva e sensorial. Portanto a sala de aula para a aprendizagem da leitura deve ser a sala de aula para a aprendizagem da vida.

Como professora e orientadora, na área das Línguas e Literaturas, dos cursos de Mestrado de formação de educadores e professores tenho trabalhado no sentido de abrir algumas clareiras para a reflexão acerca da leitura e da sua aprendizagem ao solicitar que os estudantes articulem a teoria com a prática. Assim, no âmbito das Unidades Curriculares de Leitura e Literacia (Mestrado em Educação Pré-escolar) e Literacia, práticas e fundamentos (Mestrado em Educação do 1º Ciclo) os tenho desafiado a construir materiais lúdico-pedagógicos para a promoção da linguagem, da leitura e da literacia, no pré-escolar e 1º Ciclo, que sejam capazes de produzir alterações significativas nos contextos de sala de aula, pois estes devem se constituir em dispositivos pedagógicos capazes de contribuir para a aprendizagem da leitura e promoção da literacia.

A experiência tem sido significativa na medida em que posso observar futuros educadores e professores a produzirem dinâmicas diversificadas para a mediação e promoção da leitura, além de se apropriarem do grau de importância e transversalidade contido na aprendizagem da leitura. Tenho visto estudantes motivados e expectantes por “jogar” com as crianças a partir da utilização de seus materiais, estes construídos com o objetivo de interferir nas práticas pedagógicas de forma dinâmica e envolvente.

Desejo que tais estudantes também possam crescer como pessoas e profissionais, que sejam capazes de reencantar a sala de aula e formar leitores competentes, estimulados na sua capacidade simbólica. Anseio que estes estudantes também possam exercitar a técnica do voo, tal como nos diz José Morais *Ler é alimentar-se, respirar. É também voar.*



Ensinar a leitura é ao mesmo tempo formar a criança a técnica do voo, revelar-lhe este prazer e permitir-lhe que o mantenha (1997: p.272). Para ensinar a voar é preciso saber voar, para ensinar a ler é preciso ler, para ensinar a gostar de ler é preciso gostar de ler.

Assim, apresento-lhes um dos dispositivos pedagógicos e o seu guião/ Manual de Atividades com o objetivo de partilhar e disseminar o trabalho que estamos a desenvolver no âmbito dos Mestrados de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Espero que estes possibilitem a apropriação da realidade e o voo necessário para que se possa sonhar com novas realidades.

Joana Cavalcanti

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito da unidade curricular *Literacia: Práticas e Fundamentos* a pedido da docente Joana Cavalcanti. O mesmo teve como objetivo a construção de um dispositivo pedagógico, neste caso, para o 3º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico e a elaboração do quadro conceptual sobre o mesmo dispositivo. O mesmo designa-se de Manta Mistério: PIM PAM PUM Agora joga um.

Este trabalho é constituído por duas partes distintas. A primeira refere o quadro conceptual do dispositivo e tem como partes constituintes os seguintes tópicos: Leitura e Literacia; Desenvolvimento da Linguagem no 1º Ciclo do Ensino Básico; Estratégia e a Explicitação da Estratégia. Como último tópico desta parte temos o Dispositivo Pedagógico onde referimos para que serve um e como é constituído aquele que o grupo de trabalho construiu.

A segunda parte deste mesmo trabalho designa-se de Atividades e é nesta parte que se encontram as atividades desenvolvidas para este dispositivo; também podemos encontrar a explicitação das mesmas.



O dispositivo é constituído por seis bolsos, sendo que todos têm uma atividade diferente à exceção do último bolso (*Bolso Mistério*) onde se encontram os jogos anteriores todos misturados. As atividades são as seguintes: Palavras Cruzadas, Constrói a História, Sopa de Letras, Trava-línguas e Lengalengas e Constrói a Frase.

Este trabalho termina com a conclusão e a bibliografia.

I PARTE: QUADRO CONCEPTUAL

1. Leitura e Literacia

Leitura é um conceito que não tem apenas uma só definição; é um conceito ao qual são dadas diferentes respostas.

Dependendo dos autores, ela adquire significados um diferentes. Para uns trata-se de saber decifrar o texto, pronunciá-lo corretamente, mesmo que não se perceba a mensagem do texto. Para outros, o conceito só faz sentido ser usado se o sentido do texto for compreendido. Outros, ainda, afirmam que “ler é raciocinar”.

Segundo Lerroy-Boussin (1968), “ (...) “ler é reconstruir um enunciado verbal a partir dos sinais que correspondem às unidades fonéticas da linguagem.” (citado por V. LEOPONDINA, Fernanda e TEIXEIRA, M^a Margarida; 2002:11). Através da definição deste autor podemos afirmar que a descodificação é fundamental e permite o desenvolvimento da leitura, no entanto é muito limitado reduzir a leitura à descodificação. Todos os símbolos têm uma mensagem a transmitir e “(...) a posse de uma técnica de leitura resultaria inútil se não pudesse atingir o pensamento.” (LEOPONDINA e TEIXEIRA, 2002:11).

No entanto, segundo Carrol (1964) “(...) o processo de ler envolve a percepção e a compreensão das mensagens escritas numa forma paralela às mensagens faladas.” (citado por V. LEOPONDINA, Fernanda e TEIXEIRA, M^a Margarida; 2002:11). Por oposição ao autor anterior, Carol defende que ler é descodificar os símbolos, associar os mesmos a palavras e estas, por sua vez, a um sentido.

A leitura e a literacia estão relacionadas e interligadas. Segundo António Prole, “Este conceito alberga não só um novo entendimento sobre o processo cognoscitivo do acto de ler, como reserva ao leitor um novo papel no processamento da informação. (...) implica uma visão mais complexa do acto de ler e do processo cognoscitivo que o sustenta,



necessariamente mais lento e demorado na aquisição das competências que o constituem, e o reconhecimento do papel activo do leitor na compreensão enquanto acto de (re)construção do significado.” (PROLE, 2005:1). Este autor afirma que o conceito de literacia implica processar a informação fornecida pelo texto e o reconhecimento do indivíduo como um leitor ativo na construção do significado.

O artigo de Fátima Sequeira desenvolve a questão da literacia na leitura e dos seus níveis em Portugal. Neste artigo verifica-se a preocupação com os níveis de literacia em leitura, os mesmos não são aqueles que gostaríamos que fossem. O nosso país, Portugal, não se encontra nos primeiros lugares da lista de países com elevados níveis de literacia, bem pelo contrário.

No artigo é dito que a forma como os conteúdos são lecionados em Portugal podem não ser apelativos para as crianças o que leva ao insucesso escolar. As crianças desfavorecidas não têm muitas vezes dinheiro para os transportes, para as refeições, para a higiene nem para a compra de um livro.

As escolas, por vezes, são frias e desconfortáveis. Nestes locais não são servidas refeições quentes, noutros casos não há uma biblioteca onde os alunos possam consultar e requisitar um livro para ler. Todos estes fatores podem levar ao insucesso escolar e ao desinteresse pela escola, pela leitura.

A criação de hábitos de leitura desde tenra idade, é uma forma de despertar as crianças para a mesma, para o gostar de ouvir e de ler histórias. Cabe ao professor encontrar metodologias de forma a despertar o interesse das crianças e formar leitores, interessados, curiosos, despertados para o mundo que os rodeia.

Tal como é referido no artigo em questão é proibido que:

“- Que cada escola não tenha uma biblioteca;

- Que os professores não saibam como ensinar uma criança a ler;
- Que o professor não leia;
- Que o professor não estimule o gosto pela leitura;
- Que a criança não goste da escola;
- Que a educação não seja a prioridade financeira no nosso país.”

(SEQUERIRA; 2002:59).

Todos estes são fatores que se existirem não contribuem para um desenvolvimento da literacia em leitura. Cabe aos pais, educadores e professores estimular as crianças para a leitura.



Este processo deve ocorrer desde cedo para que cada um encontre aquilo que goste de ler e que esse processo seja feito de forma gradual e entusiasta. Bons leitores são pessoas mais felizes e estas compreendem as coisas de uma outra forma.

1.1. Desenvolvimento da Linguagem no 1º Ciclo do Ensino Básico

A comunicação e a linguagem são conceitos diferentes, apesar de serem mal compreendidos e misturados. Segundo Inês Sim-Sim, a comunicação ocorre quando existe troca de informação que implica a codificação, a transmissão e a decodificação de uma mensagem entre dois ou mais intervenientes. A linguagem, por sua vez, segundo *American Speech-Language-Hearing Association*, “(...) é «um sistema complexo e dinâmico de símbolos convencionados, usando modalidades diversas para [o homem] comunicar e pensar» (...).” (citado por SIM-SIM; 1998:22-23).

O papel da escola é crucial para o desenvolvimento linguístico da criança; é neste local onde a criança aprende “ (...) a usar a língua com o máximo de eficácia, quando fala, ouve falar, escreve e lê.” (SIM-SIM; 1998:31).

Através destas quatro vertentes podemos nomear as duas modalidades da linguagem: a oralidade e a escrita. Nas escolas é fundamental ensinar não só as crianças a escrever, mas também a falar e a utilizar a sua linguagem da forma mais correta. Segundo Inês Sim-Sim, deveria ser uma das metas do ensino. Através da oralidade é possível desenvolver as capacidades de argumentação e de expressão nas mais variadas situações.

Desta forma é muito importante referir que o desenvolvimento da aprendizagem oral está intimamente relacionado com a aprendizagem da leitura e da escrita e a apropriação de ambas as modalidades da língua (oralidade e escrita) é fundamental para o domínio dos conteúdos disciplinares que fazem parte do currículo e são lecionados na sala de aula.

O ouvir falar é muito importante, pois constitui uma forma de acesso ao conhecimento e é um instrumento muito relevante na interação verbal. Para saber ouvir é preciso estar atento ao que é afirmado, conseguir compreender a mensagem do indivíduo



que está a falar e identificar o que é essencial e o que é acessório. Este é um dos pólos da oralidade.

Um outro será a expressão oral. Todos utilizam a expressão oral para se expressarem, mas isso “(...) significa ser eficaz na comunicação oral, i. e., ser capaz de transmitir com exactidão qualquer informação, em contextos diversificados.” (SIMSIM; 1998:35). Se pretendemos que cada criança seja capaz de crescer deve ser-lhe proporcionada a hipótese “(...) de se expressar individualmente, de manifestar opiniões próprias e defendê-las.” (SIM-SIM; 1998:35).

A linguagem escrita, por sua vez, faz parte de qualquer currículo escolar. O acesso a esta linguagem abre portas e horizontes às crianças, pois estas passam a ter acesso a um mundo completamente novo.

Como conclusão deste tópico sobre a linguagem coloquei esta citação: “A linguagem, como comunicação verbal, é um sistema complexo de símbolos e regras de organização e uso desses símbolos, utilizada por todos os seres humanos para comunicarem entre si, organizarem o pensamento e armazenarem o pensamento.” (SIMSIM; 1998:38)

No 1º Ciclo do Ensino Básico as crianças encontram-se, segundo Piaget, no estágio das operações concretas. Este estágio é o “terceiro estágio do desenvolvimento cognitivo (...), durante o qual as crianças desenvolvem o raciocínio lógico, porém não abstrato.” (PAPÁLIA; OLDS; FEDMAN; 2009:351).

A partir do momento que as crianças têm acesso à linguagem escrita deixam de estar limitadas à comunicação verbal; têm acesso a informações sobre lugares longínquos e remotos. Depois de aprenderem a traduzir os símbolos (letras) em sons com significado, estas desenvolvem estratégias para compreender aquilo que leem. Nesta altura também compreender que é possível expressar ideias, sentimentos e pensamentos através da escrita.

As crianças identificam as palavras escritas de duas formas: através da descodificação (a criança diz a palavra, ou seja, passa a palavra escrita para a oralidade)



– abordagem fonética – e da recuperação com apoio visual (a criança lê a palavra através de pistas do próprio contexto) – abordagem global.

Os especialistas aconselham uma abordagem que contenha as duas formas de ler palavras escritas. Segundo Siegler (1998), as “Crianças que conseguem evocar tanto as estratégias com apoio visual quanto as fonéticas, usando a recuperação visual para palavras familiares e descodificação fonética para palavras desconhecidas, tornam-se melhores leitores e mais versáteis (citado por PAPÁLIA; OLDS; FEDMAN; 2009:365).

Segundo Siegler (1998), os processos que ajudam a melhorar a compreensão são semelhantes àqueles que ajudam e melhorar o vocabulário. Quando a identificação se torna mais automática e a memória de trabalho aumenta, as crianças conseguem compreender melhor aquilo que leem e conseguem ajustar a sua concentração consoante a dificuldade e importância da tarefa que estão a realizar (citado por PAPÁLIA; OLDS; FEDMAN; 2009:365).

Já foi referido anteriormente que a escrita e a oralidade andam sempre juntas e Whitehurst e Lonigan (1998) confirmam esse mesmo aspeto: “A aquisição de habilidades de escrita acompanha o desenvolvimento da leitura.” (citado por PAPÁLIA; OLDS; FEDMAN; 2009:366).

Segundo Siegler (1998), para as crianças, inicialmente, é difícil escrever. Ao contrário da conversa frente a frente (oralidade), a escrita não tem um *feedback* constante, logo, a criança não sabe se conseguiu comunicar ou não. Nesta modalidade, a criança ainda tem de ter atenção à ortografia, pontuação, gramática, o uso das letras maiúsculas ou minúsculas e a tarefa física de escrever as letras (citado por PAPÁLIA; OLDS; FEDMAN; 2009:366).

2. Estratégia

2.1. Explicação da Estratégia

Para a realização deste trabalho decidimos escolher como estratégia didática o jogo lúdico, porque o mesmo tem características únicas, tal como ser capaz de pelo simples fato de ser um jogo transpor-nos para “outro mundo”. Então porque não aprender jogando?



Como John Huizinga afirma “ (...) o jogo é muito mais do que um mero fenómeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Vai além dos limites das atividades puramente físicas e biológicas. Tem uma função significante, ou seja, tem um sentido.

No jogo há qualquer coisa “em jogo” que transcende as necessidades imediatas da vida e que confere sentido à acção. Todo o jogo tem um significado.” (HUIZINGA; 2003:17). Como tal decidimos utilizar as inúmeras vantagens do jogo lúdico para nos ajudar a cativar as crianças para a leitura.

O jogo lúdico tem um elemento que é fundamental: a diversão; “(...) é precisamente esse elemento de diversão que caracteriza a essência do jogo.” (HUIZINGA; 2003:19).

Então o objetivo do nosso trabalho será servirmo-nos deste aliado para que a “brincar” se possa aprender e incentivar hábitos de leitura e de escrita nas crianças utilizando a ausência de seriedade, porque um jogo opõe-se à seriedade e capta de imediato a sua atenção, pois como já foi referido um jogo encontra-se relacionado com a diversão, principalmente no que toca a crianças.

Uma situação muito diferente de um jogo será dar um livro a uma criança e dizer-lhe para ler ou dar um tema para a mesma criar uma composição. Para além de um jogo não ter o carácter de obrigatoriedade, é algo que as crianças participam de livre vontade, pois um jogo implica muito mais do que diversão, um jogo requer regras e competição. Segundo Huizinga, “Há quem veja no jogo a necessidade inata de exercer uma certa faculdade, ou o desejo de dominar ou de competir.” (HUIZINGA, 2003:18).

Assim sendo, o fator competição vai “apimentar”, cativar e motivar ainda mais as crianças porque é algo que é intrínseco na sua natureza.

Tal como nos diz Huizinga “ (...) o jogo é uma actividade voluntária, ou uma ocupação, que tem lugar dentro de certos limites estabelecidos de tempo e lugar, de acordo com regras livremente aceites mas estritamente vinculativas, e que institui como um fim em si mesmo, sendo acompanhado por um estado de espírito de tensão e de alegria, bem como pela consciência de ser «diferente» da «vida normal».” (HUIZINGA, 2003:45).

Segundo Jacqueline Held, “A brincadeira de regras, onde o espírito racional e as capacidades lógicas se afirmam e a criança maior torna-se capaz de se dobrar a uma «regra



da brincadeira». (...) Quando falamos de «brincadeira de regras», entendemos comumente por isso atividade na qual domina a abstracção.” (HELD; 1980:52).

Para terminar, Huizinga também defende que o jogo se baseia na imaginação, “Se descobrimos que o jogo se baseia na manipulação de certas imagens, numa certa «imaginação» da realidade (...), então o nosso principal objectivo será o de perceber o valor e o significado dessas imagens e da sua «imaginação».” (HUIZINGA; 2003:20).

3. Dispositivo Pedagógico

O dispositivo pedagógico é entendido, por Bernstein, como uma “(...) «forma especializada de comunicação», através do qual se justapõem poder e conhecimento; «o dispositivo pedagógico é medular para a produção, reprodução e transformação de cultura».” (citado por LEITE, Carlinda e PACHECO, Natércia; 2008:110).

Os dispositivos pedagógicos podem utilizados para qualquer temática e em qualquer contexto escolar, mas têm sempre de ter em conta o contexto em que a escola se encontra inserida, a cultura que a rodeia e o conjunto de crianças ou alunos que temos à nossa frente. Estes dispositivos fornecem conhecimento, mas também o produzem (podem até levar a novas atividades no dispositivo pedagógico).

Segundo Bernstein, o dispositivo pedagógico é constituído por três regras: regras de distribuição (distribuição de conhecimentos em função do contexto dos alunos), regras de recontextualização (mudança do discurso pedagógico, os saberes dos alunos são valorizados) e regras de avaliação (depois de condensar todos o processo pedagógico temos uma visão que não se limita ao produto final, mas também influencia e acompanha todo o processo) (citado por LEITE, Carlinda e PACHECO, Natércia; 2008:110-112).

O dispositivo pedagógico que este grupo de trabalho apresenta tem como nome: *Manta Mágica: PIM PAM PUM Agora joga um*. A manta tem seis bolsos, sendo que, cada um dos bolsos tem uma atividade de uma categoria, à exceção do último bolso que contém as cinco atividades dos bolsos anteriores todas misturadas e designa-se *Bolso Mistério*. Este dispositivo tem ainda um tabuleiro de jogo, um dado, peões e folhas com as tabelas de mérito.



Deve ser escolhido um porta-voz da turma, este vai lançar o dado e mexer o peão (este posto deve ser rotativo). No tabuleiro de jogo tem casas desde o número um até ao número cinco e tem ainda casas com um ponto de interrogação (que representa o bolso mistério). Consoante o número do dado e a casa onde calha o peão, o porta-voz da turma diz em voz alta o número da casa onde o peão calhou. Logo de seguida um voluntário vai buscar uma das atividades ao bolso com o número da casa. Por exemplo, se o peão calha numa casa com o número dois o aluno voluntário tem de ir buscar a atividade ao bolso número dois. Depois, têm de realizar atividade e por fim marcar na folha com a tabela de mérito o seu desempenho.

Em cada bolso encontra-se uma atividade diferente: no bolso um temos o jogo das palavras cruzadas, no bolso dois a atividade domina-se de *Cria a História*, no bolso três temos o jogo da sopa de letras, no bolso quatro temos o jogo de trava-línguas e lengalengas, no bolso cinco o jogo chama-se *Constrói a Frase* e o ultimo bolso designa-se de *Bolso Mistério*.

Consoante a situação os alunos podem jogar em pequeno grupo ou até mesmo em pequenas equipas de 3 a 4 elementos.

De seguida, no Guião de Atividades, todas as atividades serão desenvolvidas e explicadas.



II PARTE: ATIVIDADES

Palavras Cruzadas

<u>Título:</u> Palavras Cruzadas				
Número de Participantes	Objetivos	Recursos Materiais e Humanos	Descrição	Variante
Alunos da turma.	Desenvolver a escrita de palavras; Desenvolver a leitura de palavras; Desenvolver o raciocínio.	Manta Mistério e os cartões das palavras cruzadas; Caneta. Alunos; Professora.	O aluno que retirar a atividade deve mostrá-la à docente de seguida a mesma irá projetá-la no quadro da sala. De seguida o aluno que retirou a atividade, juntamente com a ajuda da turma, irá resolver as pistas dadas e colocar as palavras nos locais corretos.	O conteúdo das palavras cruzadas deve ser de acordo com aquilo que os alunos estão a lecionar no momento. Esta é uma forma divertida de treinar conceitos ou até de compreender se os alunos compreenderam um conteúdo dado anteriormente.

Cria a História

<u>Título:</u> Cria a História				
Número de Participantes	Objetivos	Recursos Materiais e Humanos	Descrição	Variante



<p>Uma criança ou um grupo se o jogo for jogado em pequenas equipas de 3 elementos.</p>	<p>O principal objetivo desta atividade é motivar e incentivar as crianças de um modo menos formal e mais cativante para a escrita e para a criação de pequenos textos conduzidos ou guiados pelo jogo.</p>	<p>Manta Mistério e os cartões com as atividades; Papel; Caneta.</p> <p>A criança ou grupo de crianças; Professora.</p>	<p>Na atividade <i>Cria a História</i> está dividida em três modos de jogo. Numa as crianças têm de criar a história a partir das imagens que lhes é apresentada no cartão. Noutra têm de criar a história a partir das personagens e cenário indicado no cartão. E por ultimo, as crianças têm de criar a história continuando a história já escrita no cartão.</p>	<p>Podemos substituir a informação dos cartões consoante a matéria que estão a dar, adequando assim às aprendizagens. Por exemplo, se estiverem a trabalhar o Natal, nos cartões damos a informação que a personagem é o pai natal e duendes ou outras personagens natalícias, ou colocamos imagens alusivas ao tema e pedimos que escrevam uma história a partir das imagens. Ou ainda, podemos começar a história como uma carta ao pai natal e as crianças terem que continuar a história. Deste modo estamos a pedir às crianças que trabalhem o conceito que pretendemos.</p>
---	---	---	--	--

Sopa de Letras

Título: Sopa de Letras



Número de Participantes	Objetivos	Recursos Materiais e Humanos	Descrição	Variante
Número de alunos da turma.	Identificar todas as palavras no conjunto de letras da sopa de letras; Desenvolver a concentração; -Desenvolver a procura e leitura de palavras.	Manta Mistério e os cartões das sopas de letras. Os alunos; Professora.	A sopa de letras deve ser realizada individualmente. Cada aluno deve retirar uma sopa de letras do bolso da manta mistério. De seguida deve procurar as palavras na sopa de letras. O tema destas palavras é identificado no enunciado da sopa de letras.	A atividade <i>Sopa de Letras</i> é um jogo apelativo. Pode ser usado em diferentes situações, adaptando o seu conteúdo aos interesses e necessidades dos alunos. A professora pode construí-las de forma a acompanhar o programa que leciona e dessa forma adequá-las às necessidades da turma.

Trava-Línguas e Lengalengas

<u>Título:</u> Trava-Línguas e Lengalengas				
Número de Participantes	Objetivos	Recursos Materiais e Humanos	Descrição	Variante



Alunos da turma.	Desenvolver a leitura. Desenvolver a dicção de palavras mais difíceis de pronunciar.	Manta Mistério e os cartões dos trava-línguas /lengalengas; Alunos; Professora.	O aluno que retirar a atividade deve ler para si o cartão que lhe saiu e treinar o que se encontra escrito lá. De seguida deve tentar dizê-lo à sua turma (se for necessário a docente ajudará o aluno). Por fim, todos devem dizê-lo em conjunto.	Esta atividade pode ser realizada com outros conteúdos que não sejam lengalenga ou trava-línguas. Por exemplo, pequenos textos que os alunos têm de treinar para depois apresentar à turma.
------------------	---	---	--	---

Constrói a Frase

<u>Título:</u> Constrói a Frase				
Número de Participantes	Objetivos	Recursos Materiais e Humanos	Descrição	Variante



Número de alunos da turma.	Desenvolver hábitos de leitura; Desenvolver a consciência linguística; Identificar palavras e construir frases de acordo com as normas gramaticais; Reconhecer sinais de pontuação.	Manta Mistério e os cartões com as palavras utilizadas na construção de frases. Os alunos. Professora.	Esta atividade deve ser realizada individualmente. Cada aluno vai ao bolso e tira um papel que tem escrito um conjunto de palavras de forma aleatória. Deve depois escrever uma frase com sentido gramatical com as palavras referidas no papel.	A atividade <i>Constrói a Frase</i> pode ser usada ao longo de todo o ano letivo, acompanhando o programa a lecionar. Para isso basta modificar as palavras usadas e adequá-las à temática a trabalhar. Desta forma preenche as necessidades dos alunos, visto que pode ser trabalhada ao longo do ano letivo e abrange diferentes temáticas.
----------------------------	--	--	--	---

CONCLUSÃO

Com a realização deste trabalho, o grupo conseguiu produzir um dispositivo pedagógico e manipular todos os documentos necessários para a sua realização. Como tal foi muito importante para nós conseguirmos produzir um dispositivo pedagógico que refletisse os conhecimentos necessários para a realização do mesmo.

Durante a realização da parte teórica do trabalho tivemos mais dificuldade na construção do tópico Desenvolvimento da Linguagem no 1º Ciclo do Ensino Básico devido à existência de demasiada informação o que tornou difícil a seleção e resumo da informação relevante e essencial.



Doutro modo a realização do dispositivo foi aquilo que nos entusiasmou mais, pois foi possível aplicar a teoria na prática e utilizar a nossa criatividade.

Para terminar, este trabalho foi muito vantajoso para nós enquanto futuras educadores e professoras, pois agora compreendemos aquilo que envolve um dispositivo pedagógico, como o devemos realizar e construir.

BIBLIOGRAFIA

- ✓ V. LEOPOLDINA, Fernanda; TEIXEIRA, M^a Margarida; *Aprender a ler: da aprendizagem informal à aprendizagem formal*, 1^a Edição (Setembro, 2002), Coleção Horizontes da Didática, Edições ASA;
- ✓ PROLE, António; *O Papel das Bibliotecas Públicas Face ao Conceito de Literacia*, Educação e Leitura, Actas do Seminário, Esposende, Outubro de 2005 pp.31-41;
- ✓ SEQUEIRA, Fátima; *A Literacia em Leitura*, Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Minho, 2002, pp. 51-60;
- ✓ SIM-SIM, Inês; *Desenvolvimento da Linguagem*, Universidade Aberta, 1998;
- ✓ PAPALIA, Diane; OLDS, Sally; FELDMAN, Ruth; *O Mundo da Criança: da infância à adolescência*; 11^a Edição (2009), McGraw-Hill Edições.
- ✓ HUIZINGA, Johan; *Homo Ludens: um estudo sobre o elemento lúdico da cultura*, Coleção Perfil Histórias das Ideias e dos Pensamentos, Edições 70 (2003), pp. 17-139;
- ✓ HELD, Jacqueline; *O Imaginário no Poder: As crianças e a Literatura Fantástica*, Summus Editorial, São Paulo (1980), pp. 13-73;
- ✓ LEITE, Carlinda e PACHECO, Natércia; *Os dispositivos pedagógicos na educação inter/multicultural*, InterMeio: Revista de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, volume 13, número 27, Janeiro/Junho de 2008, pp. 109-117; ✓ NEVES, Loureiro; *O Rato Roeu a Rolha da Garrafa*, 1^a Edição (Abril, 2003), Editora Notícias Editorial.



ANEXOS

Anexo 1 - Tabuleiro



Anexo 2 - Tabela de Mérito



Manta Mistério: PIM PAM PUM AGORA JOGA UM <u>Cartão de Mérito</u>			
Nome do Participante/Equipa: _____			
Desempenho Atividade			
Palavras Cruzadas			
Cria a História			
Sopa de Letras			
Trava- línguas Lengalengas			
Constrói a Frase			

Anexo 3 – Dispositivo Pedagógico: Manta Mistério



